

A confluência entre o Funcionalismo e a Gramática de Construções: um estudo sobre as construções comparativas no Português Brasileiro

The confluence between Functionalism and Construction Grammar:
a study on comparative constructions in Brazilian Portuguese

La confluencia entre Funcionalismo y Gramática de la Construcción:
un estudio sobre construcciones comparativas en Portugués Brasileño

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

Caio Aguiar Vieira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil)

RESUMO

Objetivamos, neste artigo, evidenciar os ganhos teórico-metodológicos, frutos da inter-relação do Funcionalismo norte-americano e da Gramática de Construções, principalmente na concepção de que a língua se estrutura a partir de uma rede de construções interconectadas. Com efeito, na análise linguística, são considerados tanto aspectos de forma quanto de função. Para ilustrar tal questão, utilizamos os dados do estudo realizado por Vieira e Sousa (2019) com foco nas estruturas comparativas instanciadas pelo conector *que nem* no Português Brasileiro, tomando como amostra os dados de fala dos *corpora* de fala Popular e Culto de Vitória da Conquista. Os resultados deste trabalho mostraram que o subesquema comparativo, governado pelo *que nem*, instancia duas microconstruções, sendo uma delas caracterizada pela ancoragem [+ oracional], e a outra marcada

* Sobre os autores ver página 24.



pela relação [- oracional]. De forma geral, averiguamos que todas as microconstruções analisadas compartilham da configuração formal-funcional comparativa, aliada a fatores de ordem cognitiva e de (inter)subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo. Gramática de Construções. *Que nem*. Construções Comparativas.

ABSTRACT

The aim of this article is to highlight the theoretical and methodological gains, resulting from the interrelationship between Functionalism and the Construction Grammar, especially in the conception that language is structured from a network of interconnected constructions. Indeed, in linguistic analysis both aspects of form and meaning are considered. To illustrate this question, we use the data from the study by Vieira and Sousa (2019) focusing on comparative structures instantiated by the "que nem" connector in Brazilian Portuguese, taking as a sample the speech data from the corpora Popular e Culto from Vitória da Conquista. The results of this work showed that the comparative subschema, governed by "que nem", instantiates two microconstructions, one of them characterized by the [+ oracional] anchorage, and the other marked by the [- oracional] relation. In general, we found that all analyzed microconstructions share the comparative formal-meaning configuration, allied to cognitive factors and subjectivity.

KEYWORDS: Functionalism; Construction Grammar; *Que nem*; Comparative Constructions.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es resaltar las ganancias teóricas y metodológicas, resultantes de la interrelación entre el Funcionalismo y la Gramática de las Construcciones, especialmente en la concepción de que el lenguaje está estructurado a partir de una red de construcciones interconectadas. De hecho, en el análisis lingüístico se consideran ambos aspectos de la forma y la función. Para ilustrar este problema, utilizamos datos del estudio de Vieira y Sousa (2019) que se centran en estructuras comparativas instanciadas por el conector "que nem" en portugués brasileño, tomando como muestra los datos del habla de los corpora Popular e Culto de Vitória da Conquista. Los resultados de este trabajo mostraron que el subesquema comparativo, gobernado por "que nem", instancia dos microconstrucciones, una de ellas caracterizada por el ancla [+ oracional], y la otra marcada por la relación [- oracional]. En general, encontramos que todas las microconstrucciones analizadas comparten la configuración formal-funcional comparativa, junto con factores de orden cognitivo y subjetividad.

PALABRAS CLAVE: Funcionalismo; Gramática de la construcción; *que nem*; Construcciones comparativas.

1 Introdução

A habilidade de comparar é uma estratégia básica do indivíduo desde o início da aquisição da linguagem, pois muito do que decorre dos estímulos sociais é resultante de uma prévia operação de reconhecimento por analogia. Dessa forma, a comparação acontece, antes de tudo, pela atividade sensorial com o intuito de se atingir um fim: conhecer, avaliar o mundo, fazer relações associativas a fim de negociar sentidos com o interlocutor, conforme nos salienta Del Nero (1997).

Sob essa ótica, Jucá Filho (1933) apresenta as conjunções que estão a serviço do valor da comparação e mostra que a construção *que nem* é uma forma bastante recorrente no Brasil. O autor afirma que o “[...] mais interessante é a expressão *que nem*, do mesmo gênero e função [da palavra *feito* e *como*] de grande uso no Brasil” (JUCÁ FILHO, 1933, p. 32). Hodiernamente, Vieira e Sousa (2019) mostraram, a partir de uma análise qualitativa, como essa construção é produtiva em estruturas comparativas como as ilustradas a seguir:

(1) A saudade bateu foi **que nem** maré. Quando vem de repente de tarde, invade, transborda esse bem me quer. A saudade é **que nem** maré (Trecho da música: Que nem Maré – Jorge Vercillo).

(2) Vou me jogar nos teus braços [...] **que nem** Maria Bonita nos braços de Lampião (Trecho da música: Lucy Alves feat. Elba Ramalho – Xaxado no Chiado. Período Contemporâneo. Século XXI).

De acordo com Vieira e Sousa (2019), os trechos de música (1) e (2) configuram a construção *que nem* em sua manifestação como conector comparativo. No primeiro exemplo, o locutor, metaforicamente, afirma que a saudade tem traços parecidos com o da maré, pois “vem de repente, invade, transborda”. Para a comparação, é utilizada, no trecho da música, a construção *que nem* para encabeçar tal função. No segundo exemplo, com a mesma finalidade, o locutor afirma que vai se jogar nos braços de seu interlocutor da mesma forma que Maria Bonita se jogava nos braços de Lampião. De forma análoga ao exemplo (1), os locutores utilizam a construção *que nem* para governarem a estrutura comparativa.

A partir dessa constatação, temos, neste trabalho¹, o objetivo de analisar como o percurso teórico-metodológico da junção entre o Funcionalismo norte-americano e da Gramática de Construções gerou ganhos teórico-metodológicos para a análise de fenômenos linguísticos, principalmente para os estudos sobre mudança linguística. Com efeito, na análise linguística, são considerados tanto aspectos de forma como de função.

Para fins de investigação empírica, utilizamos os dados do estudo realizado por Vieira e Sousa (2019) focalizando, de maneira particular, nas estruturas comparativas instanciadas pelo conector *que nem* no Português Brasileiro. De acordo com os autores, tal construção atua com pareamentos, tanto comparativos quanto de conformidade e exemplificação. À vista disso,

apresentamos, além dos dados qualitativos já sinalizados por Vieira e Sousa (2019), um olhar mais acurado das construções comparativas governadas pelo conector *que nem* realizando uma análise quantitativa dos dados a partir dos excertos de fala retirados dos *corpora* Popular e Culto de Vitória da Conquista (*Corpora* PPVC e PCVC).

Este estudo, portanto, baseou-se em um método misto (CUNHA LACERDA, 2016), tendo em vista que averiguamos o comportamento do objeto em uma metodologia quantitativa – com levantamento da frequência e, também, por meio de uma análise qualitativa de exemplares sincrônicos, com a finalidade de destacar as especificidades dos usos atuais do *que nem*, com forma-função comparativa, tomando como amostra o vernáculo conquistense.

Em termos de organização, além desta Introdução, estruturamos este trabalho em 4 (quatro) partes. Na primeira, apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos sobre os quais se fundam esta pesquisa, mostrando, brevemente, como os estudos funcionalistas se uniram aos estudos pressupostos da Gramática de Construções. Na seção 2, fizemos um breve resumo das estruturas comparativas no Português Brasileiro, com olhar tanto nos estudos normativos, quanto nos estudos linguísticos. Na seção 3, evidenciamos os procedimentos metodológicos, bem como mostramos o tratamento dado aos *corpora* analisados. Na seção 4, investigamos, a partir de um método misto, o pareamento de forma-função de construções comparativas governadas pelo *que nem* e, ainda, propomos uma rede construcional do elemento em questão. Por fim, trazemos as Considerações Finais e as Referências utilizadas neste trabalho.

2 Do item à construção: *um breve histórico do Funcionalismo norte-americano*

Na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), o sistema linguístico é entendido como um meio que reflete a necessidade comunicativa do falante. Nesse sentido, é por meio da língua que os interlocutores relatam os acontecimentos, expressam as suas vontades, influenciam e são influenciados numa troca (inter)subjettiva, alicerçados em contextos reais de interlocução.

À vista disso, a língua e a gramática são consideradas emergentes (HOPPER, 1987). A noção emergencial do funcionamento da língua capta o caráter provisório, transitório e fluído da estrutura da língua que está sempre susceptível de negociação na interação entre os interlocutores. A gramática é vista, nesse sentido, como social e mutável, fruto daquilo que emergiu durante o discurso.

Cabe trazeremos um breve olhar histórico a respeito do Funcionalismo que praticamos hoje. Embora os estudos a respeito da variação e da mudança linguística tenham se firmado na década de 60 (sessenta) pelas pesquisas de William Labov nos Estados Unidos, os trabalhos feitos sobre a mudança linguística, na perspectiva da gramaticalização, são datados desde o século X, na China, cujo termo foi introduzido, pela primeira vez, por Meillet (1912), que defendia a premissa da atribuição de um caráter gramatical a um item e/ou a uma expressão linguística anteriormente considerada autônoma. O referido autor associa a gramaticalização de um elemento linguístico à imagem de um espiral, figura que reflete continuamente um processo cíclico, inacabado, infinito.

Nessa mesma trilha, Kurylowicz (1975) defende, fundamentado em Meillet (1912), que a gramaticalização diz respeito ao aumento do percurso de um morfema que avança do léxico à gramática e/ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical. É oportuno acrescentarmos que, nessa concepção clássica, a função é priorizada em detrimento da forma, pois as pesquisas se pautavam, dentre outros aspectos, nas buscas unidirecionais em que itens linguísticos deslizavam do léxico, integrando-se à gramática e, nela, tornavam-se cada vez mais gramaticais. Conforme nos afirmam Rosário e Oliveira (2016, p. 235), os pesquisadores que se debruçam em analisar a mudança linguística, pelo viés da gramaticalização, dedicam-se na detecção

[...] de trajetórias históricas de categorias em perspectiva mais atômica, preocupados especificamente com propriedades de forma ou de sentido caracterizadoras das referidas categorias. Na mudança por gramaticalização, o foco reside no levantamento de marcas redutoras, seja em termos funcionais, como os fenômenos de abstratização e polissemia que caracterizam a derivação categorial, seja em termos formais, na pesquisa da erosão, da perda de estrutura resultante do desgaste pelo uso (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 235).

Notamos, a partir do exposto, que a ideia a respeito da mudança linguística estava ainda ligada, nesse período, aos critérios de aferição em termos formais, para além dos termos funcionais, no qual o pesquisador se dedicava a investigar, dentre outros aspectos, a erosão que algumas estruturas gramaticais sofriam devido ao uso.

Harmonizando com o pensamento funcionalista da época, ainda na década de 70, alguns estudiosos, a exemplo de George Lakoff, Ronald Langacker, Charles Fillmore, Gilles Fauconnier, contrapondo-se, também, à ideia modularizante adotada pelo Gerativismo, instauram uma teoria na defesa de que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Surge, assim, a Linguística Cognitiva (LC), que concebe a linguagem humana como instrumento de organização, processamento e transmissão de informações semântico-pragmáticas e não como um sistema autônomo. A esse respeito, Geeraerts (1995) ressalta que:

[...] Partindo da hipótese de que a linguagem se constitui a partir da capacidade cognitiva geral do ser humano, os seguintes aspectos adquirem especial interesse para a área: a categorização nas línguas naturais; [...] princípios funcionais da organização linguística (tais como iconicidade e naturalidade)[e] a interface conceptual entre sintaxe e semântica (nos moldes da Gramática Cognitiva e pela **Gramática de Construções**) [...] (GEERAERTS, 1995, p. 111-112) (grifos nossos, tradução nossa).

² Versão original: [...] Because cognitive linguistics sees language as embedded in the overall cognitive capacities of man, topics of special interest for cognitive linguistics include: the structural characteristics of natural language categorization; [...] the functional principles of linguistic organization (such as iconicity and naturalness) [and] the conceptual interface between syntax and semantics (as explored by cognitive grammar and construction grammar).

É possível observarmos que, em certa medida, a noção de língua adotada pela LC tem relação direta com os pressupostos funcionais *stricto sensu*, uma vez que, além de trabalhar com dados naturalísticos, os pressupostos cognitivistas ainda trazem a noção de iconicidade e a relação entre sintaxe e semântica, com destaque para a pragmática. Nessa afirmação de Geeraerts (1995), interessa-nos, sobretudo, a noção de Gramática de Construções (GC), elencado pelo referido autor como uma das linhas de investigação da LC. Na próxima subseção, trazemos um olhar mais acurado a respeito da GC.

2.1 Gramática de Construções e a compreensão da mudança linguística a partir de redes construcionais

A Gramática de Construções surge quando, nos finais da década de 80, Fillmore (1988), averiguando algumas estruturas linguísticas, percebeu que o falante possui um conhecimento capturado por esquemas simbólicos, os quais possuem uma ancoragem idiossincrática, a exemplo de expressões (*let alone*) e esquemas maiores (*what's X doing Y – What's this fly doing in my soup?!*). Ainda cabe acentuarmos que, conforme Fillmore, Kay e O'Connor (1988), essa perspectiva, ancorada na relação de uso e cognição, parte da premissa de que construções gramaticais complexas possuem as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que itens lexicais. Nesse sentido, o falante não tem noção somente do item (como era visto na vertente clássica do Funcionalismo/gramaticalização), mas das construções que se moldam por meio da frequência como um pareamento de forma-significado. Não há, nessa vertente, uma distinção rígida entre léxico e gramática³.

Como vemos, a gramática é tomada, em uma perspectiva construcional, como pares de forma e significado. A língua é, pois, definida como um conjunto de construções específicas e hierárquicas que se interconectam, compondo a arquitetura interconectada, em que tantos aspectos de forma quanto de significado são levados em consideração na análise linguística.

Nesse sentido, o aspecto contextual foi sendo refinado nos estudos sobre mudança linguística e, da clássica noção unidirecional *forma* → *função*, os estudos alicerçados na perspectiva funcional passam a considerar a (co)direcionalidade *forma* ↔ *função*. Nesse sentido, a investigação dos micropassos da mudança linguística tornou-se mais holística.

Do clássico olhar para item isolado, os estudos funcionais começam a se debruçar em construções, nos moldes de Goldberg (1995), Croft (2001), Croft e Cruze (2004), dentre outros, cujo objetivo é evidenciar que a gramática de uma língua é composta por pareamentos em que a semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática funcionam articuladamente.

Hodiernamente, Traugott e Trousdale (2013) acuram mais esses conceitos e defendem, em uma perspectiva diacrônica, que a língua é formada a

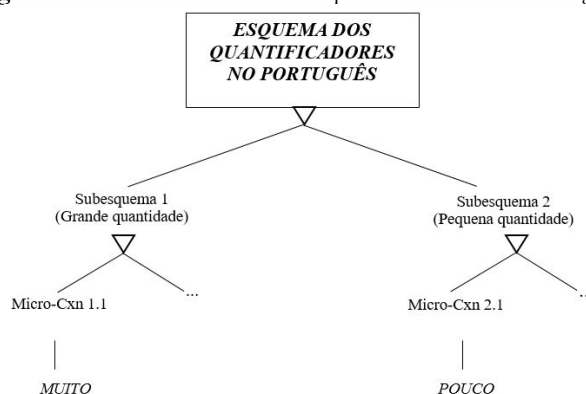
³ Embora não haja uma distinção rígida entre léxico e gramática, Traugott e Trousdale (2013) propõem que se fale em construcionalização lexical, que diz respeito às construções que possuem uma ancoragem mais lexical/referencial; e, também, em construcionalização gramatical que consiste no desenvolvimento de um par forma-função que possui função gramatical/procedural.

partir de um inventário de construções com pareamento de forma e função. Embora esses autores utilizem como rótulo a expressão “sentido”, para o polo oposto à forma, neste trabalho optamos por utilizar, assim como Goldberg (2016)⁴, o termo “função”, em virtude da adequação terminológica exercida entre o casamento do Funcionalismo Norte-Americano e a perspectiva construcional que adotamos nesta pesquisa.

Em linhas gerais, no âmbito da LFCU, as construções são consideradas como unidades simbólicas convencionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013): (i) unidades porque alguns aspectos do signo são tão idiossincráticos ou tão frequentes que estão entrincheirados como um pareamento de forma-função na mente do falante; (ii) simbólicos pois são signos, tipicamente associações arbitrárias de forma e função; e (iii) convencionais porque são compartilhados entre grupos de falantes.

Como vemos, há uma ligação entre estrutura semântica e sintática, justamente pelo fato de esses dois polos estarem ligados a um elo de correspondência simbólica, como já sinalizamos na subseção anterior. Outro termo caro à teoria são as relações taxinômicas que uma construção possui com outras. Isso vale dizer que construções mais específicas estão ligadas a construções mais abstratas em uma rede interconectada. Para exemplificarmos com mais precisão, retomamos o exemplo de uma rede construcional de Traugott e Trousdale (2013), formada a partir dos quantificadores no Português. Vejamos:

Figura 1. Rede construcional dos quantificadores no Português



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17). Adaptado pelos pesquisadores.

É possível verificarmos, na Figura 1, o grau de esquematicidade⁵ dos quantificadores e suas relações com outras construções. De um lado, temos a

⁴ A professora Adele Golberg, em 2016, ao participar do *workshop* no XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática entre os dias 4 a 7 de julho de 2016 na Universidade Federal do Rio de Janeiro com a perspectiva construcional da gramática, propôs a terminologia “função” ao invés de “sentido”.

⁵ Nessa hierarquia construcional adotada por Traugott e Trousdale (2013), acrescentamos, acima do nível do esquema, a noção de Domínio Funcional tal como proposto por Teixeira e Rosário (2016). De acordo com eles, o conceito de Domínio Funcional pode ser encontrado desde o Funcionalismo Clássico e diz respeito às “áreas linguísticas”, concebidas, em uma perspectiva funcionalista, como “universais linguísticos”. Nessa concepção, os quantificadores, correlatores, subordinadores, coordenadores, focalizadores, conectivos, marcadores discursivos etc. fazem parte domínios funcionais distintos.

microconstrução *MUITO*, que pertence, por sua vez, ao subesquema dos quantificadores de *grande quantidade*. Do outro lado, percebemos que a microconstrução *POUCO* instancia um subesquema mais específico, os quantificadores de *pequena quantidade*, que, por fim, juntamente ao subesquema *grande quantidade*, sancionam o esquema ainda mais geral e abstrato: os quantificadores no Português. Além disso, é válido ressaltarmos que, mesmo a Figura 1 sendo representada a partir de dois subesquemas, isto é, de forma binária, é possível que uma dada construção instancie mais construções, uma vez que partimos da premissa de que a linguagem é um sistema dinâmico.

A título de exemplo, trazemos o estudo de Fumaux, Alonso e Cezario (2017) a respeito dos quantificadores em Português. As autoras mostraram que no subesquema dos quantificadores de *grande quantidade*, é possível pensarmos em outras microconstruções como *um monte de SN* (*um monte de gente*), *milhares de SN* (*milhares de pessoas*). Já no subesquema de *pequena quantidade*, também é possível que novas microconstruções façam parte de um esquema mais abstrato, a exemplo de *uma pitada de SN* (*uma pitada de sal*) etc.

Sob esse viés, torna-se imprescindível frisarmos que as microconstruções são instanciadas por meio de construtos, ou seja, *tokens* empiricamente atestados em contextos reais de uso. Além disso, é nesse nível efetivo que ocorrem as mudanças linguísticas. As microconstruções, os subesquemas e o esquema estão, nesse sentido, num *continuum* de *types* que partem níveis mais baixos em direção a uma ancoragem mais alta de abstratização e esquematização.

A mudança linguística, por sua vez, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), acontecem de duas maneiras: mudanças construcionais e construcionalização. As mudanças construcionais dizem respeito às mudanças que afetam, somente, o polo da forma ou da função e não criam um nó na rede linguística. Já a construcionalização é a criação de um novo pareamento de forma-função na língua que envolve a necessidade comunicativa do falante, associada aos mecanismos de neanálise. Segundo Traugott e Trousdale (2013), as neanálises⁶ acontecem devido ao usuário adicionar, através do tempo, representações mentais de uma expressão. Além disso, a construcionalização é acompanhada por mudanças nos graus de esquematicidade, composicionalidade e produtividade.

A esquematicidade diz respeito ao conhecimento do falante de esquemas mais abstratos e virtuais. A composicionalidade diz respeito à relação de transparência entre a forma e a função, atrelada, sobretudo, à possibilidade de encaixes. Essa viabilidade de encaixamento de algumas palavras/expressões é chamada, em uma perspectiva construcional, de *slots*. A produtividade, por fim, assim como acontece com a esquematicidade, relaciona-se à emergência de novos pareamentos de forma-função, ou seja, esse fator diz respeito à potencialidade de esquemas mais gerais sancionarem construções menos esquemáticas

Podemos observar a questão da produtividade em Bybee (2003), quando a autora distingue os tipos de frequência *type* e *token*. Segundo a linguista, a frequência *type* diz respeito ao número de diferentes expressões que

⁶ Utilizamos, como a orientação teórica da LFCU, a terminologia neanálise ao invés de reanálise, uma vez que Traugott e Trousdale (2013) esclarecem que a neanálise seria um termo mais adequado para proposta de investigação, pois o falante não reanalisa uma construção que ele não conhece e, sim, neanalisa.

um padrão apresenta. A frequência *token*, por sua vez, tangue à frequência do construto. Assim, quando uma microconstrução é criada pela comunidade linguística, há um aumento gradual da sua frequência de uso, o que caracteriza a repetição, tornando-a rotinizada e, conseqüentemente, automatizada na língua.

De forma geral, a construcionalização gramatical, ou seja, a mudança linguística propriamente dita, apresenta um aumento de esquematicidade e de produtividade, ao passo que há um decréscimo na composicionalidade, isto é, há um “decréscimo na transparência da combinação entre significado e forma” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 121, tradução nossa)⁷.

Outro fator que se mostra relevante ao tratarmos sobre mudança linguística diz respeito a subjetividade e (inter)subjetividade. Nessa direção, o grau de expressividade na relação entre interlocutores é marcado pela relação (inter)subjetiva. Conforme Traugott e Dasher (2005), a subjetivação acontece por meio de um processo de expansão semântico-pragmática, com base na crença e nas atitudes do falante. Já a (inter)subjetividade compreende a atenção do locutor em relação ao seu interlocutor – em virtude de o interlocutor ser tomado como sujeito ativo na interação. Assim, essas estratégias (inter)subjetivas são materializadas no plano gramatical levando à mudança semântica. Percebemos, sob essa perspectiva, que a (inter)subjetividade é um mecanismo frutífero para a mudança linguística, pois devido às necessidades de interação, os falantes criam novas construções a fim de serem mais expressivos.

Ademais, merecem destaque neste trabalho os processos cognitivos gerais admitidos por Bybee (2010). Segundo a autora, se debruçarmos em uma perspectiva dinâmica, é possível irmos além de estruturas propriamente linguísticas, pois a linguagem, sob essa ótica, é decorre de processos cognitivos de domínios gerais.

Conforme a autora, há 5 (cinco) processos cognitivos que estão, também, a serviço da linguagem, sendo eles: *chunking*, categorização, memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Desses cinco processos defendidos por Bybee (2010), realçamos o processo cognitivo *chunking*. Sobre o assunto, a autora afirma que esse processo é caracterizado pela união de um conjunto de construções que são agrupadas na memória do indivíduo e fundidos em uma só unidade. Desse modo, as seqüências de unidades repetidas são agrupadas para serem acessadas, pelo falante, como uma unidade simples. O objeto, portanto, enquadra-se nesse processo cognitivo, uma vez que os itens *que* e *nem* se juntam formando um único bloco de forma-função.

Após tratarmos sobre a teoria que norteia este trabalho, apresentamos, na próxima seção, uma breve revisão da comparação no Português.

3 As construções comparativas no Português Brasileiro

Nesta parte do trabalho, trazemos um breve olhar das gramáticas tradicionais e dos estudos linguísticos a respeito das construções comparativas no Português Brasileiro (PB). Essas discussões, portanto, são importantes para entendermos como esse tipo de construção se comporta no PB.

⁷ Versão original: “[...] decrease in the transparency of the match between the meaning of the parts and the form [...]”

Nesse sentido, primeiramente, analisamos algumas gramáticas normativas, com maior destaque para a parte em que os gramáticos prescrevem as orações subordinadas comparativas. Cunha e Cintra (1985), a esse respeito, elencam, somente, as conjunções utilizadas para caracterizar uma oração subordinada adverbial. Já Bechara (2009, p. 493) afirma que as orações comparativas aparecem “[...] quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal [...]”. Ainda segundo o gramático, esse tipo de oração tem caráter assimilativo.

Bechara (2009), em sua explanação, assevera que as orações de caráter comparativo são introduzidas pela conjunção *como* ou *qual*, sendo essas as formas mais prototípicas para a comparação e podem aparecer com as características de quantitativa de três tipos:

a) Igualdade: introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que*;

Nada conserva e resmunga *tanto* a vida *como* a virtude (BECHARA, 2009, p. 494).

b) Superioridade: introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

Um homem pode saber *mais do que* muitos, porém nunca tanto como todos (BECHARA, 2009, p. 494).

c) Inferioridade: introduzida por *que* ou *do que* correlação com *menos* da oração principal:

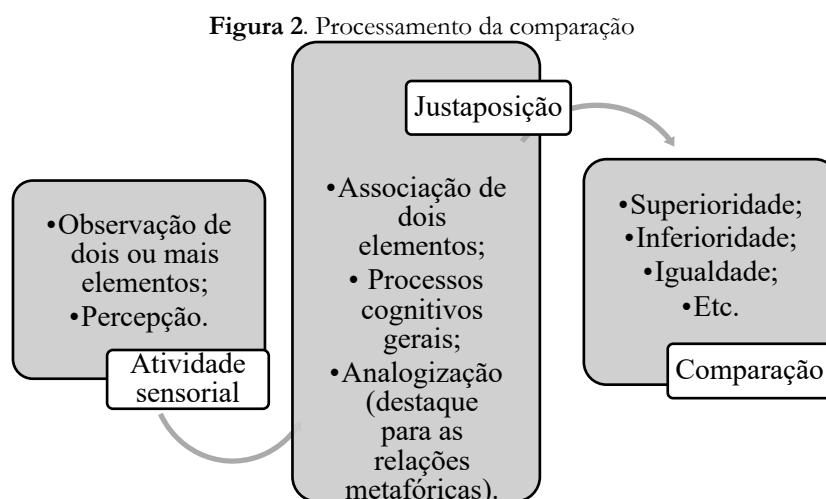
O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos *menos que* o dos velhacos (BECHARA, 2009, p. 494).

Do ponto de vista funcional, as construções comparativas, como afirmam Neves e Hattnber (2002), são sintaticamente interdependentes, pois necessitam de dois elementos para a comparação. De acordo com Rodrigues (2016), há quatro tipos de construções comparativas, são elas: comparativas não-oracionais correlatas; comparativas não-oracionais não-correlatas; comparativas oracionais correlatas; oracionais não-correlatas. Segundo a autora, as não-oracionais são aquelas construções em que ocorre o fenômeno da elipse/apagamento (Ex: Ele fez as coisas *como* ela. COMO + SN), já as oracionais dizem respeito às construções em que o verbo está expresso (Ex: Ele é lindo *como* ela é. COMO + SN + SV).

Do ponto de vista sintático, Rodrigues (2016) afirma que esses tipos de estruturas podem envolver correlação, como, também, subordinação; há, portanto, construções correlatas e outras que não os são. As estruturas correlatas oracionais ou não oracionais envolvem interdependência sintática entre a primeira e a segunda oração; as não-correlatas, por sua vez, como aponta Rodrigues (2016), funcionam, de fato, como adjuntos, que podem ser oracionais ou não. A pesquisa de Rodrigues (2016) demonstrou que, do *corpus*

utilizado, as construções comparativas não oracionais são as mais frequentes, iniciado, na modalidade escrita, pelo conectivo *como*.

Do ponto de vista semântico, Lima-Hernandes (2006), em uma perspectiva cognitiva, afirma que a comparação é comum em todos os indivíduos. Nesse tipo de estrutura, há uma confrontação entre dois elementos, cuja diferença etária é percebida, muitas vezes, pelo tipo de estratégia de codificação linguística operada, pois, para uma estruturação linguística complexa, é necessária a articulação de compartimentos cerebrais desenvolvida com a progressão da complexidade e a associação de intermódulos mentais. Salles (1979) afirma que, além de um processamento de nível cerebral, o falante ainda terá um conhecimento prévio que resultará na comparação, pois a comparação é feita com a associação de um ou mais termos. Esquematizamos na Figura 1 os micropassos da comparação. Vejamos:



Fonte: Autoria própria, baseado em Salles (1979).

Na Figura 2, podemos perceber que a comparação pode ser realizada por meio de uma associação aliada à atividade sensorial, já que o falante, antes de comparar, observa para, em seguida, justapor elementos num processamento cognitivo “[...] que sugere um conhecimento pré-estabelecido: o emolduramento pragmático” (LIMA-HERNANDES, 2006, p. 1323). Além disso, é na justaposição que acontecem as relações metafóricas, uma vez que o falante resgata na memória elementos passíveis de assimilação, como eventos, objetos, situações etc., para, depois disso, compará-los. Lima-Hernandes (2006) ressalta, por fim, que algumas palavras ou verbos favorecem o processo comparativo, visto que algumas delas possuem a ideia de relação.

Posteriormente, veremos a metodologia utilizada neste trabalho a fim de realizarmos a análise dos dados.

4 Procedimentos metodológicos

Este trabalho parte da noção da construcionalização sincrônica, nos moldes de Rosário e Lopes (2017). Nesse sentido, os dados sincrônicos utilizados para análise dos dados foram extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista – *Corpora* PPVC e PCVC, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo – CNPq, Grupo Janus, entre os anos de 2011 e 2015 sob, o cadastro no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 34221214.9.0000.00552 que conta, como responsável, a Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* Vitória da Conquista.

Os *corpora* de fala são compostos por 24 (vinte e quatro) entrevistas, sendo 12 (doze) do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*corpus* PPVC) e 12 (doze) do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*corpus* PCVC), estratificados nos moldes Variacionistas Labovianos.

Ao analisar esses *corpora*, em uma perspectiva sincrônica e sob o método misto⁸ (CUNHA LACERDA, 2017), identificamos os fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e propomos uma rede hierárquica da microconstrução *que nem*, identificando os três níveis de esquematicidade sistematizados por Traugott e Trousdale (2013), a saber: esquema, subesquema e microconstrução, além de mostrarmos os mecanismos cognitivos que instanciam novas construções a partir de um *continuum* de (inter)subjetivação (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

5 As construções instanciadas pelo conector *que nem*

Conforme salientam Vieira e Sousa (2019), a construção *que nem*, no domínio funcional da conexão, faz parte de um esquema geral $\{[O_{[V_1]}] + \text{QUE NEM} + [X] + [V_{\text{dic}}]\}$ que encabeça construções comparativas > conformativas > exemplificativas. Notamos que, nessa hierarquia construcional, o esquema se configura como parcialmente esquemático (ou parcialmente especificado) com a possibilidade de: i) oração $[OV_{[V_1]}]$ com o núcleo verbal, podendo ser distinto da oração posposta ao *que nem*; ii) Sintagma Nominal [SN] ou oração [O] que, nas construções de conformidade, podem ser encabeçadas por verbo distinto da primeira oração; e iii) um verbo *dicendi* (a exemplo de *falei, disse* etc) com uma parte substantiva (lexicalmente especificada) representada pelo *chunk* {QUE NEM}.

Neste trabalho, além de contribuições a partir de análise qualitativa de Vieira e Sousa (2019), operamos análise quantitativa dos dados, ou seja, analisamos o objeto por meio da competição pelo uso, tanto com o foco no construto (*token*/uso efetivo) quanto nível do *type*. Nos *corpora* do Português Contemporâneo, representados pelos *corpora* PPVC e PCVC, identificamos um total de 65 (sessenta e cinco) ocorrências do *que nem* no domínio funcional da

⁸ O método misto, segundo Cunha Lacerda (2016), diz respeito à análise feita, em abordagem construcional, a partir do método quantitativo e qualitativo.

conexão. Na tabela 1, mostramos a quantidade de ocorrências *token* aliada aos subesquemas instanciados pelo *que nem*⁹:

Tabela 1. Distribuição das ocorrências do *que nem* no domínio funcional da conexão

SUBESQUEMAS	Nº DE <i>TOKENS</i> /%
Exemplificativo	26/40%
Conformativo	21/32,3%
Comparativo	18/27,7%
TOTAL	65/100%

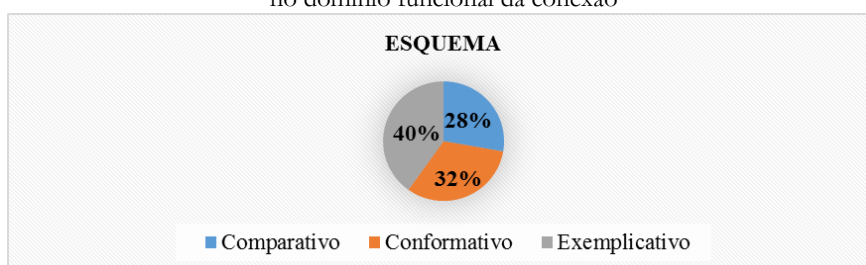
Fonte: A autoria própria.

A Tabela 1 indica 18 (dezoito) ocorrências *tokens* do *que nem*, no subesquema comparativo; 21 (vinte e uma) ocorrências, no subesquema conformativo; e 26 (vinte e seis) ocorrências no subesquema exemplificativo que se mostrou como o mais produtivo em relação a *tokens* do *que nem*.

Nossa hipótese inicial foi que o subesquema comparativo seria o mais produtivo, uma vez que tanto os dados históricos quanto as Tradições Gramatical e Linguística mostraram que, quando elencado, o *que nem* só seria descrito em sua feição comparativa, sobretudo na Tradição Gramatical, tendo o seu uso sinalizado por Jucá Filho, em 1933. No entanto, verificamos, nos dados analisados, que essa hipótese não se sustenta, pois o pareamento de forma-função indicou menor produtividade no subesquema comparativo em relação aos demais.

De forma geral, temos a seguinte distribuição, em percentuais, do *que nem*, no domínio funcional da conexão:

Gráfico 1. Distribuição, em percentuais, do *que nem* no domínio funcional da conexão



Fonte: A autoria própria.

Os resultados apresentados na Figura 1 e no Gráfico 1 indicam que o *que nem* no subesquema exemplificativo foi o mais produtivo, representando 40% dos dados. Em seguida, temos a subesquema conformativo, com 32% do total de *tokens* analisados, seguidos, por fim, de 28%, que diz respeito ao

⁹ Trazemos, na Tabela 1, todas as ocorrências e subesquemas instanciados pelo *que nem*. No entanto, como já sinalizamos, o foco, neste estudo, recai, somente, sobre o pareamento comparativo.

subesquema comparativo. Conforme já salientamos, para fins de investigação empírica, recortamos o subesquema comparativo a fim de fazermos, a partir do método misto, a análise mais acurada desse tipo de construção nos baseando nos *corpora* PPVC e PCVC. Na próxima subseção, veremos como a construção comparativa, instanciada pelo conector *que nem*, se comporta nos dados analisados.

5.1 O pareamento de forma-função do *que nem* como construção comparativa

Como vimos, o conector *que nem*, além de sua feição comparativa, também se relaciona com outros pareamentos (conformidade e exemplificação) em sua rede taxinômica. No que tange à sua estrutura formal, a construção comparativa, governadas pelo *que nem*, apresenta o esquema {[O + QUE NEM + X]}. Esse subesquema instancia duas microconstruções, sendo a primeira (Micro 1.1) representada pela forma-função {[O + QUE NEM + O]}^{comp}, preenchida por uma oração com o *que nem*. Há, nesse tipo de construção, uma maior dependência das orações, pois, para comparar um evento, é necessário que haja uma relação com a segunda oração como no exemplo (3):

(3) **INF:** não tinha água nenhuma, só tinha mesmo era no poço escuro então {ININT} [vendê aqueles balde de água **que nem** vendia leite] a... a... a mesma coisa os balde de água lá, né?! (*Corpus* PPVC. Período Contemporâneo. Século. XXI).

Em (3), mais precisamente no trecho que antecede a construção *que nem*, o falante explica que, na sua época, não havia água, sendo necessário comprá-la. Para facilitar a interlocução, o informante compara, na segunda oração, os baldes de água vendidos com baldes de leite, revelando, assim, uma dependência maior com a oração anterior. A segunda microconstrução (1.2), por sua vez, instanciada no subesquema 1, tem menor dependência oracional, mas se mantém correlacionado com um sintagma nominal, de forma mais composicional, que, do ponto de vista formal-funcional, pode ser representado por {[O + QUE NEM + SN]}^{comp}. Observemos o exemplo (4):

(4) **INF:** [...] Isso foi no sábado, quando foi no domingo, já tive que levar pro hospital, [a mão já tava dessa altura preta **que nem** um carvão], o braço todin' inchou cum coisa que meteu num pau de vara de fogo assim, inchou todo, todo, todo e deu aquelas bolha de fogo [...]. (*Corpus* PPVC. Séc. XXI. Período Contemporâneo).

No excerto (4), verificamos que o falante, ao tentar explicar para seu interlocutor a gravidade da inflamação do braço, compara o seu aspecto ao de um carvão, pelo fato do aspecto roxo que o inchaço causou. Além disso, constatamos que, nos exemplos (3) e (4), há uma ancoragem [(+inter)subjativa] e menos composicional, pois o falante, com uma maior necessidade de

expressividade, aliada à preocupação com o *self* do seu interlocutor, compara dois eventos para facilitar a argumentação.

Em termos quantitativos, apresentamos, a seguir, na Tabela 2, a distribuição de *tokens* das 2 (duas) microconstruções instanciadas pelo subesquema 1:

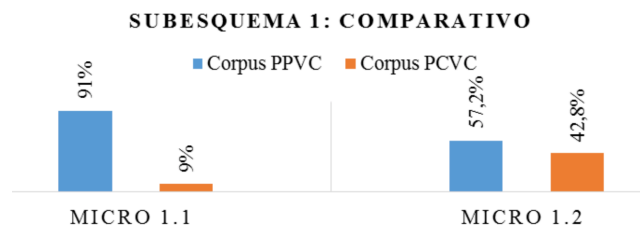
Tabela 2. Frequência *token* do *que nem* no subesquema comparativo

SUBESQUEMA 1: COMPARATIVO	<i>Corpus</i> PPVC	<i>Corpus</i> PCVC	TOTAL
MICRO 1.1: +oracional	10/91%	1/9%	11
MICRO 1.2: - oracional	3/42,8%	4/57,2%	7

Fonte: Autoria própria.

Ao observar a frequência *token* (Tabela 2), notamos que o uso da microconstrução 1 (+oracional) foi a mais produtiva no *Corpus* PPVC e não houve ocorrências significativas no *Corpus* PCVC, pois só apareceu uma única vez nesse banco de dados. Na microconstrução 1.2, por sua vez, ocorreu o número de 7 (sete) *tokens* e houve um equilíbrio de ocorrências, sendo 3 no *Corpus* PPVC e 4 no PCVC. Os percentuais desses dados podem ser visualizados no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2. Percentuais do *que nem* no subesquema comparativo



Fonte: Autoria própria.

De forma geral, a hipótese que norteia o subesquema 1 (comparativo) é de que a microconstrução 1.1 ([+ oracional]) teria um número maior de ocorrências, ao passo que a microconstrução 1.2 ([- oracional]) seria menos produtiva nos *corpora* em estudo. Isso se justifica, do ponto de vista formal, conforme Bechara (2009), pelas construções comparativas serem governadas por uma oração principal e necessitarem de uma segunda oração para manter a correlação; e, do ponto de vista funcional, como afirma Lima-Hernandes (2006), há uma confrontação de dois elementos e, assim, para esse tipo de construção, são exigidos dois eventos correlacionais para realizar a comparação.

Ao analisar a microconstrução em estudo, a partir da Figura 2 e do Gráfico 2, verificamos que, no subesquema 1, com forma-função comparativa, houve um número de ocorrências maior na microconstrução 1.1, representando 91% no *Corpus* PPVC e 57,2% no *Corpus* PCVC, ao passo que a microconstrução 1.2 demonstrou, no *Corpus* PPVC, 9%, e, no *Corpus* PCVC, a produtividade foi de 42,8%. Inferimos, a partir desses dados, que a comparação

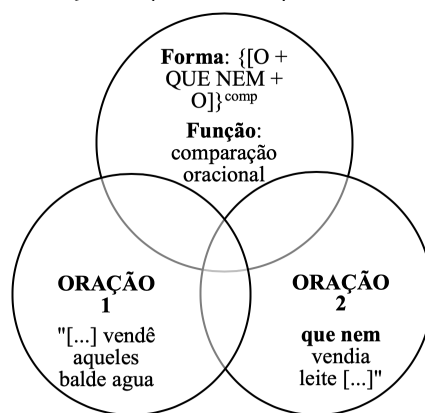
é feita, assim como afirma Lima-Hernandes (2006), pela atividade sensorial e, também, pela justaposição de elementos e relações metafóricas fazendo, do ponto de vista formal, uma correlação entre duas orações que são sintaticamente interdependentes (NEVES; HATTNER, 2002). Assim, por ser uma habilidade cognitiva, que faz parte de domínios gerais, partimos do pressuposto que a microconstrução 1.1 [+oracional] seria encontrado nos dois *corpora* independentemente do grau de escolaridade do informante.

No que diz respeito à microconstrução 1.2, entendemos que esse padrão seja menos produtivo no *Corpus* PPVC devido ao tipo ao banco de dados utilizado, pois as entrevistas são feitas a partir de perguntas em que o informante rememora alguns acontecimentos. Sob esse viés, é mais compreensível que o falante realize uma comparação [+ oracional] (com eventos que contenham verbos caracterizados pela ação, estado etc.) do que uma construção [- oracional].

Os informantes do *Corpus* PCVC, ao contrário dessa tendência, utilizam a microconstrução 1.2 [- oracionais] com números mais expressivos (80%) do que as estruturas [+oracionais] (20%). Rodrigues (2016), ao realizar uma pesquisa a respeito das estruturas comparativas, mostrou que, em dados escritos, as construções não-oracionais são as mais frequentes. Assim, levando em consideração que o *Corpus* PCVC é formado por informantes cultos – consequentemente com mais acesso à modalidade escrita, notamos que há uma relação com os resultados do estudo de Rodrigues (2016) com os resultados ora apresentados em nossa análise, pois partimos do pressuposto de que os falantes cultos, pelo fato de serem mais expostos à modalidade escrita, utilizam estruturas [- oracionais] para realizarem a comparação, uma vez que, como mencionamos, Rodrigues (2016) verificou que em texto escrito esse padrão é mais frequente.

De modo geral, analisando os dados por meio do total de *tokens*, no pareamento comparativo, notamos que a nossa hipótese inicial foi ratificada, uma vez que a microconstrução 1.1, como ilustrada na Figura 3, foi a mais favorecida, quantitativamente, entre os dois *corpora*:

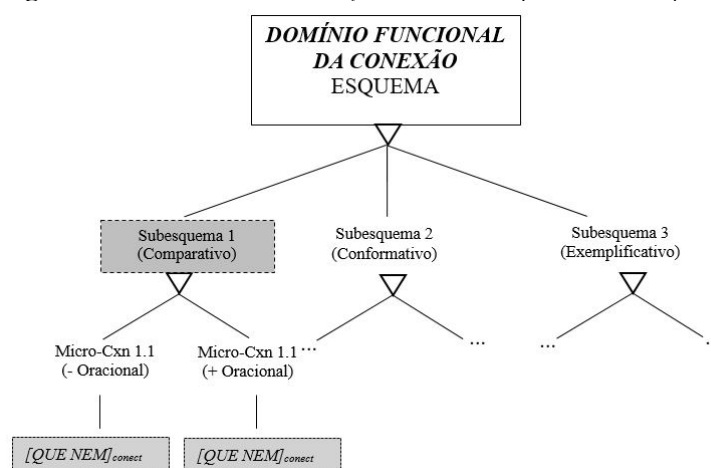
Figura 3. Microconstrução do *que nem* mais produtiva nos *corpora* analisados



Fonte: Autoria própria.

Isso posto, vejamos como se arquiteta a rede construcional do *que nem* com destaque para o pareamento comparativo.

Figura 4. Rede virtual de construções intanciadas pelo conector *que nem*.



Fonte: Autoria própria, com base em Vieira e Sousa (2019).

A partir da Figura 4 e nos debruçando na perspectiva construcional de Traugott e Trousdale (2013), podemos afirmar, tomando como amostra os dados da comunidade de fala de Vitória da Conquista, que o subesquema comparativo instancia duas microconstruções, uma com ancoragem [-oracional] ao lado de uma microconstrução [+oracional], todas elas com a configuração formal-funcional comparativa. Após essa análise, seguimos, na próxima parte deste artigo, com as Considerações Finais.

6 Considerações finais

A título de considerações finais, evidenciamos como os estudos Funcionalistas se uniram a abordagem construcional da gramática. Com efeito, a língua é vista a partir de uma rede interconectada de construções em que aspectos de forma e de função são levados em consideração na análise linguística.

Com finalidade de mostrar como a união das perspectivas está se tornando cada vez mais profícuo nos estudos linguísticos, trouxemos, para a análise, o estudo realizado por Vieira e Sousa (2019) a respeito do conector *que nem* que, segundo os autores, instancia construções comparativas. Assim, sob o método misto, verificamos que a construção em questão instancia 3 (três) subesquemas (comparativo, conformativo e exemplificativo) no domínio funcional da conexão. Neste estudo, de modo particular, baseando-nos em Vieira e Sousa (2019), fizemos uma análise mais acurada sob o subesquema comparativo e verificamos que o *que nem*, no nível do subesquema, sanciona duas microconstruções (micro 1.1: [-oracional] e micro 1.2 [+oracional]).

No que diz respeito à frequência, tão importante em estudos de caráter centrado no uso, verificamos que houve um número de ocorrências maior na

microconstrução 1.1, representando 91% no *Corpus* PPVC e 57,2% no *Corpus* PCVC, ao passo que a microconstrução 1.2 demonstrou, no *Corpus* PPVC, 9%, e, no *Corpus* PCVC, a produtividade foi de 42,8%, todas elas aliadas a um *continuum* crescente de (inter)subjetividade.

Evidentemente, a análise ora apresentada requer um maior aprofundamento, principalmente na relação de outras microconstruções que estão a serviço da comparação e, também, na ampliação do *corpus* para um conjunto mais amplo de domínios discursivos e gêneros textuais. No entanto, acreditamos que este trabalho compõe um conjunto significativo de evidências empíricas acerca das construções comparativas no Português Brasileiro, tomando como amostra o vernáculo conquistense, a partir casamento relativamente recente entre o Funcionalismo norte-americano e a abordagem construcional da gramática, conhecido, no Brasil, como LFCU.

AGRADECIMENTOS: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009 [1975].
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (org.). **A handbook of historical linguistics**. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2003.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro. v. 12, n. 1, 2016. p. 83-101.
- CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DEL NERO, H. S. **O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano**. São Paulo: Collegium Cognition, 1997.
- FILLMORE, C. J. et al. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone, **Language**, v. 64, n. 3, p. 501-538, Sep. 1988.
- FUMAUX, N. C.; ALONSO, K; CEZARIO, M.M. Construcionalização de um monte de SN: uma abordagem centrada no uso. Espírito Santo: **Revista Percursos Linguísticos**, v. 7, n.14, p. 139-158, 2017.

- GEERAERTS, D. "Cognitive Linguistics". In: J. VERSCHUEREN et al. (eds.), **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HOPPER, P. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, v. 13, 1987. p. 139-157.
- JUCÁ FILHO, C. **O fator psicológico na evolução sintática**. Rio de Janeiro: FGV, 1933.
- KURYLOWICZ, J. **The evolution of grammatical categories**. Munich, 1975 [1965].
- LIMA-HERNANDES, M. C. O processamento das funções de base comparativa: proposta de análise funcional. In: **Seminários de Linguística Funcional**. São Paulo: USP, 2006.
- NEVES, M.H. M.; HATTINHER, M. M. D. As construções comparativas. In: ABAURRE, M. M.; RODRIGUES, A. C. S. **Gramática do Português Falado**. Novos estudos descritivos. v. 8. Campinas: Editora Unicamp, 2002.
- RODRIGUES, V. V. As construções comparativas em língua portuguesa. **Revista do GELNE**, v. 4, n. 1, p. 1-6, 26 fev. 2016.
- ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. C. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **SOLETRAS**. Rio de Janeiro. n. 37, v. 1. 2019, p. 83-102.
- ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)**, v. 60, p. 233-259, 2016.
- SALLES, M. **Um estudo sintático-semântico da comparação em português**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1979.
- TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. **Revista Linguística**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 139-151.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- VIEIRA, C. A.; SOUSA, V. V. A arquitetura construcional do *que nem* na Língua Portuguesa: mudanças construcionais e construcionalização. **SOLETRAS**. Rio de Janeiro. n. 37, v. 1, p. 246-271, 2019.

Recebido em 30 de dezembro de 2019.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2020.

Publicado em 30 de abril de 2020.

SOBRE OS AUTORES

Valéria Viana Sousa é doutora em Letras, área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2008). Atualmente, é professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Sociofuncionalismo e Gramaticalização. Coordena o projeto de pesquisa "Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Funcionalista a partir da descrição e análise de *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista" e é líder do Grupo de Estudos em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo - CNPq.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8243-9281>

E-mail: valeriavianasousa@gmail.com

Caio Aguiar Vieira é mestrando em Linguística (PPGLin) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com defesa em março de 2020. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduado em Letras pela mesma instituição (2017). Foi bolsista de iniciação científica e é membro do grupo de pesquisa em Sociofuncionalismo e em Linguística Histórica - CNPq. Tem experiência em Linguística, com ênfase em abordagens funcionalistas da gramática e mudança linguística sob a ótica funcionalista, atuando, principalmente, com os seguintes temas: mudanças construcionais e construcionalização gramatical, conectivos, gramática de construções, cognição e subjetividade.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4054-7791>

E-mail: caioaguiar78@gmail.com